

Publica-se ás quartas-feiras e sabbados, á rua do S. José n. 20, onde tratam-se as publicações e mais negocios relativos ao mesmo

EXPEDIENTE

Cidade de Trampolinópolis, bordo do CORSARIO, 8 de Outubro de 1880.

Não houve expediente.

CORSARIO

Como promettemos aos nossos leitores, encetamos hoje uma série de artigos, profligando os actos abusivos do gabinete Saraiva.

Não guardaremos preconceitos com individuos que nenhuma consideração merecem ante a opinião publica.

Firmados no que dissemos no nosso artigo programma, para combater esta capciosa situação, só empregaremos o dialecto de bordo.

Não nos importaremos de incorrer nas iras dos apaniguados, que sentam-se na lauta mesa do orçamento.

O povo, a quem com os nossos pequenos recursos defendemos, applaudir-nos-ha, porque a nossa causa é a delle.

Poderão accusar a nossa linguagem de atrabiliaria, mas nunca nos chamarão de calumniadores.

Está na memoria de todos o quanto tem sido fatal para o paiz a situação inaugurada a meia noite.

Que a lição aproveite a Sua Magestade o Imperador.

Quer physica, quer moralmente a nação tende a desaparecer.

Nunca, em tão curto espaço de tempo, este uberrimo imperio presenciou tantos e tão repetidos factos escandalosos.

Em menos de tres annos que a situação liberal governa o paiz o povo tem sido espingardeado por diversas vezes de norte a sul.

Victoria, Macahubas, côrte, Rio Grande do Sul e outros muitos logares, têm sido palco de scenas sanguinolentas, onde cahiram in-

nimados muitos brasileiros, feridos pelas armas dos janizaros do poder.

No parlamento jámais se viu tanta degradação.

Parece que a ultima centelha da dignidade dos nossos representantes aprofunda-se no abysmo, attrahida pela força irresistivel dos acontecimentos ludibriosos.

A camara geral, as assembléas provinciales de Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul, tem presenciado nos seus recintos o que ha de mais ignominioso, vil e humilhante.

E como se estes factos não fossem bastantes para a condemnação desta horripilante dictadura, vimos, nesta semana, na assembléa provincial do Rio de Janeiro, dous ILLUSTRES E DIGNISSIMOS representantes pôrem em exercicio a rasteira e a bofetada.

Onde iremos parar?

E' de crer que em breve tenhamos de ver posta em pratica no Brasil a politica do Rio da Prata.

O erario publico mal administrado, dando-se grossas fatias do orçamento aos filhos, aos cunhados e aos thuriferarios da situação.

Tudo tomba para o aniquillamento.

O Sr. Saraiva, transfuga do partido conservador, não perde occasião em demonstrar que se tem algum prestimo, é apenas para administrar o seu engenho da Pojuca.

Que o diga a desastrada guerra do Paraguay.

O Sr. Dantas, o politico dos abraços, tambem foragido do partido conservador, tem deixado mais que provado que tem muito fino para arranjar os filhos e toda mais parentella.

Para os Nozias Dantas todas as posições do poder e... se mais mundo houvera lá chegara.

O Sr. Buarque de Macedo, o po-

mô da discordia da familia pernambucana, o facto que ha de incendiar aquella heroica provincia com a sua permanencia no poder. o Benjamin do Sr. Parauaguá, pôde considerar-se muito feliz pelo brilho da sua boa estrella.

O Sr. Homem de Mello, que só tem como recommendação a sua presidencia da provincia da Bahia, de bem triste recordação, onde a patota e a afillhadagem foram postas em pratica em favor do quadrilha do «Diario da Bahia».

Assim está composto o gabinete. Muito Alto e Muito Poderoso S uhor Dom Pedro Segundo, até quando seremos governados por estes sete piratas?!

Á PROA

Cá estou, Sr. Conselheiro. Jurei pôr-lhe a calva á mostra; hei de fazer.

Pôde ficar tranquillo que não o calumniarei. E' só: pão, pão; queijo, queijo.

Como dizia eu:

Reinava a guerra do Paraguay. O nosso politico não foi tão máo como por ali querem fazer crêr.

Naquelle tempo, diziam uns: é um malvado; outros, é um tyranno; outros ainda, é um reprobato.

Mas o povo tem memoria de gallo, e por isso, alguns annos depois, o Conselheiro era festejado e até «cantado» em prosa e verso.

Eu sempre disse que elle não era tão máo, porque, se recrutava, algemava e amarrava a mão e corda os politicos adversarios e os não-votantes, dava-lhes em compensação a legenda de VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Além disso, não fazia assim com todos.

Aquelle que trazia um bilhetinho do chefe da freguezia, dizendo: este é nosso, isto é, progressista, tinha caria limpa, na ta de mal lhe acontecia.

Assim iam-se passando os tempos quando

Por uma fatalidade Destas que baixam de S. Christ-vão foi o nosso Conselheiro chamado para a pasta da agricultura.

Ahi é que foi.

Que pechincha!

Quanto mamaverunt!

Heim, Conselheiro, lembra-te, maganão?!

Naquelle tempo uma pastinha, por mais magra que fosse, sabia a gaitas.

Que o diga o «Jequetinhonha».

Aquillo é que é um vaporzinho maneiro.

Politico machiavelico! Soffrerás o golpe de prôa do CORSARIO, que debes sentir mais que a «poeira da estrada».

Adeus, Conselheiro, isto vai por partes.

Até breve.

Ha cousas que, por serem de pouca importancia, não devem ficar impunes.

Na quinta-feira ultima, uma força do 7º batalhão, commandada por um alferes, a qual estivera de guarda no thesouro e recolhia-se ao quartel, passando pela rua Sete de Setembro, tomou o lado dos trilhos, impedindo a passagem dos bonds.

Debalde o conductor e o cocheiro assoviaram com toda a força.

O Sr. alferes não dignou-se tomar o lado opposto, obrigand'o assim o bond a seguir a sua marcha lenta, desde a praça da Constituição até á rua de Gonçalves Dias.

Estes alferesinhos...

Vá com vistas a quem competir para providenciar.

Oha os caffens!

Consta-nos que no corpo de bombeiros ha guardas licenciados, que figuram na folha do pret, mas que não recebem o soldo.

Não garantimos a veracidade

disto, mas o nosso informante é pessoa de conceito.

Consta-nos mais que no mesmo corpo ha praças desertadas que figuram tambem na folha do pret.

Em todo o caso será bom que S. Ex. o Sr. ministro da agricultura verifique.

— Muxingueiro!

— Prompto.

— Sabes onde é o arsenal de marinha?

— Isto não se pergunta, capitão. O que é que eu não sei.

— Bem: Vou confiar-lhe uma empreza um pouco arriscada.

— Comigo não ha perigo, capitão.

— Deixa-te de prosa; não é tanto assim.

— Se o capitão quizer ver....

— Olha: prepara-te com boas cordas e vai até lá. Procura na companhia n. 1 dos militares que não são artifices um tigre que command' ante á noite do que...

— Oh! capitão, lá não ha mato e como ha tigre?

— Não comprehendes, homem de Deus; é um homem-tigre, que devora tudo...

— Caramba! com esta não contava eu.

— Tens medo!!! muxingueiro, tens medo!!!

— Não, capitão, eu sou corsario.

— Pois vai. Se não o encontrares, pergunta ao José, irmão do Luiz, ou então ao Teixeira.

Toma cuidado; tu és apessoado e podes ser estrangulado.

— Comigo não ha nuvem. Se o bicho resmungar, é calabrote pr'a frente.

— Traz-m'o com brevidade.

— E' só esperar um pouco.

Ha muito que sabiamos que a nossa camara municipal é cega; agora estamos convencidos de que tambem é surda.

Já tivemos occasião de chamar a sua attenção para o pessimo estado a que as carroças reduziram a subida que, da rua do General Pedra, atravessando a cancella da estrada de ferro, vai para a rua da America.

Nada se fez.

O enorme cano que atravessa o centro daquelle logar, e que era coberto com uma taboa, acha-se descoberto, devido ao grande peso das carroças, que quebraram a taboa, ficando as pernas dos trans-euntes sujeitas a alguma desventura.

Não é sómente, na mesma rua, aquelle logar o que merece a attenção da edilidade.

Toda ella precisa ser concertada.

Aguas empoçadas, pe iras soltas, buracos, etc., ha ali em quantidade.

Quando chove é difficilimo por ella transitar-se.

As aguas que descem de diversos morros e da rua da America fazem ali morada.

Levando de novo ao conhecimento da illustre camara o que vai por aquella rua, crêmos ver em breve cessado o mal.

Não ha remedio senão sermos fiscaes sem... ordenado.

— Muxingueiro!

— Prompto, capitão.

— Traga-me o homem.

— Qual? o Albino?

— Que Albino?

— O da ilha de S. Jorge.

— Lá tem Albino?

— O do 19?!

— Cada vez conheço menos.

— O Santos Albino, capitão!

— Rapaz, V. hoje está com o diabo!

— Póde ser, mas hoje ainda não bebi nada.

— Explique-se.

— Mas não me é possivel, capitão.

— Diabos! Vai buscar o homem que está no porão com um par de machos, comprehendeste?

— E' isso mesmo, capitão, é o Albino.

— Bruto, elle não chama-se Albino; a rua onde elle exerce a profissão é que se chama de S. Albino, Apre!

— Ganhou de camarço, capitão, eu enganei-me. E' Santos, é.

— Está o homem, capitão!

— Então, Sr. Santos, está disposto a deixar o seu «commercio» e tornar-se um homem probo?

— Capitão, eu de boa vontade deixaria, mas onde irei encontrar outro tão rendoso e tão pouco trabalhoso?

— Cynico!

— E' a verdade que lhe estou dizendo.

— Pedaco de maroto, achas pouco o que te tenho feito passar? Mando-te pendurar no gancho!

— Quer saber de uma cousa, capitão?

— Diz lá.

— Sou seu prisioneiro. Estou disposto a não afastar-me do caminho que até aqui tenho seguido. Agora póde fazer o que entender.

— Muxingueiro, retira este hediondo quadrumaño d'aqui!

— Não, d'aqui não sahirei.

— Muxingueiro, arrasta-o.

— Espere, capitão.

— Diga logo o que quer.

— Capitão, seja complacente comigo; eu não offendo a ninguem, serei seu amigo.

— Muxingueiro, enxota este cão.

— Capitão, meu capitão, compaixão para mim; sou um desgraçado.

Acham-se de novo aportados ás plagas de Trampolinopolis os castens della varridos ha pouco, pelo Sr. delegado Dr. Felix da Costa.

E' de crêr que a policia da rua do Lavradio ainda não saiba disto, pelo que a policia do CORSARIO a previne, na esperanza de vel-os em breve barra fóra.

— Capitão!

— Quem é o senhor?

— Um pobre diabo, que já não póde mais aturar as maluquices e malcriações do commandante dos guardas da praça da Proclamação.

— Que tenho eu com o peixe?

— Não, quero que registre-se para conhecimento do publico; além disto, quem sabe se virá por ahí alguma providencia!

— A melhor providencia que eu lhe posso dar é aconselhar que offereça-lhe um compendio de civildade e uma camisa de força a ver-se com isto elle faz «Acclamação» do que o senhor deseja.

— Obrigado, capitão; com este seu conselho é bem provavel que

o ex-beleguim de policia torne-se um homem de respeito.

— Até depois, capitão.

— Viva!

Pedem-nos para chamar a attenção da gerencia da companhia de Carris Urbanos, para um cocheiro italiano que trabalha na linha da Lapa.

Dizem-nos que este cocheiro é tão insolente que até chega a insultar os passageiros.

Com vistas á companhia Carris Urbanos.

— Capitão, aqui está um valiente.

— Livre-se; olhe a testa.

— O que é isto, meu amigo? onde julga que está? então pensa que a bordo tambem dão-se cabeçadas?

— Não, capitão, estou prevenindo-o por precaução.

— Agradeço-lhe taes prevenções. Quem é este heróe?

— Um celebre Augusto, distinctissimo no ultimo pleito eleitoral, onde fez proezas.

— Mas o tem isso? não ha por ahí tantos?

— Sim, ha; mas este trago-lhe como especialidade. E' conhecido por Augusto-Menino, lido e havido como homem de confiança do governo Saraiva-Dantas.

— Muxingueiro! dei-lhe uma razão no porão!

— Obrigado, capitão.

— Tenho a lhe dizer, Sr. grumete, que em terra ha cousas de mais importancia para o senhor occupar-se, não deve perder tempo com individuos desta ordem.

— Estou sciente, capitão.

— Vá.

Já tivemos occasião de tratar das casas de alugar quartos por hora. E, como nenhuma providencia appareceu, voltamos ao assumpto mais amplamente.

Sr. Dr. chefe, chamamos sua attenção para este e outros factos por nós apontados.

Fiel ao nosso programma, havemos de apontar as mazellas que lavram na cidade de Trampolinopolis, desagrada a quem desagradar.

A nossa policia de bordo é activissima, completa antithese da de V. Ex.

Neste momento temos a pasta cheia de apontamentos contra diversas cousas. Muitas dellas, parecendo á primeira vista de pouca importancia, causam males imaginaveis.

Detidamente iremos dando publicidade, conscios de que V. Ex. não descurará dos seus deveres.

Como já dissemos: Trampolinopolis está infestada de casas de alugar quartos por hora.

Ninguem ha por ahi que ignore que scenas desagradaveis dão-se no interior destas casas.

Para maior humilhação da nossa civilização, empregam os donos destas casas, no «serviço» dos quartos, uma immensidade de raparigas escravas e alugadas, lançando assim, contra a vontade, na prostituição um alluvião de infelizes, que tiveram a desdita de nascer neste imperio!

Em muitas destas casas acoutam-se escravas fugidas, que podem, pelas suas formas pessoas, achar concurrencia naquella hediondo commercio.

Eis os nomes de algumas ruas onde existem taes casas:

Praça da Constituição, rua da Conceição, rua da Lampadosa, travessa de S. Francisco, e até, Exm. Sr., na praça Onze de Junho, no centro das familias!!!

Com estas e outras denuncias, parece-nos que concorreremos de alguma forma para a moralidade da ferra que nos viu nascer.

Uma vez que não está em nós applicar os meios para exterminar o mal, apontamos a quem o possa fazer.

Voltaremos ao assumpto.

Per agentes da nossa policia de bordo, somos informados de que, nas immediações da estação central da estrada de ferro D. Pedro II, ha uma quadrilha de ladrões, que, por meio de subtilezas, põe em perigo a bolsa dos fazendeiros e mais pessoas que têm ali afazeres.

Esta quadrilha é representada por individuos suspeitos, um dono de kiosque e taverneiros.

Se o Sr. Dr. chefe de policia

quizer providenciar, não será muito difficil encontral-os.

Parece-nos ser este um facto digno de toda a attenção das auctoridades.

Denunciando-os, guardando as devidas reservas, cumprimos a tarefa que nos impuzemos.

As auctoridades, verificando, têm satisfeito os seus deveres.

Que cada um cumpra o seu.

— Bom dia, capitão.

— Bom dia, Sr. immediato.

— Quer o capitão que continue a narração de façanhas do tenente Keller?

— Não, Sr. immediato, apesar de ser cedo, tenho ainda muito que fazer.

Além disto, o tenente Keller é cousa com a qual não vale a pena perder tempo.

— Não é tanto assim, capitão, lembre-se de que o tenente Keller é uma auctoridade, que tem a si a guarda de um districto, e, quando a auctoridade não é moralizada, adeus... que vai tudo perdido.

— As suas judiciosas observações convencem-me.

Tem toda a razão, Sr. immediato, mas eu não posso hoje escutal-o sobre tal assumpto.

— Então, capitão, retiro-me, que ando ás pégadas do tal tenente a ver se chego a descobrir um facto de grande importancia, onde é principal personagem o tal tenente Keller.

— Não, conversemos um pouco.

— E' contra o regulamente de bordo conversar-se, porque os piratas não dormem e aproveítam esse tempo para fazerem presas por mar e por terra impunemente.

— Não; hoje já não podem estar fóra do nosso conhecimento o que praticarem.

De dia para dia a nossa tripulação, e com ella a nossa policia vai augmentando.

— Pudéra? Zé Povinho bate palmas de contente; agora todos querem ser passageiros do nosso navio.

— Tambem a passagem é tão barata? com 40 rs. passeia-se todo o CORSARIO; vai-se á «Proa»,

á «Ré», ao «Tombadilho», lê-se o «Expediente», etc.

— Este navio foi uma idéa luminosa do capitão!

— Obrigado.

— O que é certo é que os piratas andam bem receiosos.

O Albino da ilha de S. Jorge fechou a casa.

— Que diz, homem?

— E' verdade. Fechou só por enquanto, a ver se o capitão manda o moço do leme tirar a prôa do navio de cima d'elle que o está ameaçando.

— Ah! como se engana?

Aquelle tratante não põe pé em ramo verde, que eu não consinto.

— Bom, capitão, vou andar.

— Vai longe?

— Não; vou ao encontro do tenente Keller.

— Já é um bom pedaço. Por que não toma escaler?

— Não; encontro-o bem perto.

— O tenente Keller, bem perto? Pois elle não está no 8 vezes 10, nove fóra!

— Sim, está, mas o capitão bem sabe que, quem foi rei, sempre teve magestade.

— Como se entende isto?

— Eu lhe digo, capitão:

Como lá o districto não é de importancia, e elle tem vistas largas no 1°, que é para elle a menina dos olhos, porque tem cada «fazenda», e elle não desgostavem de quando em vez para cá rondar.

— Rondar? Como?

— Quando nada seja, as hungaras.

— Tratante.....

— Muxingueiro!

— Prrrrrompto, capitão!

— Vai buscar o tenente Keller.

— Sr. immediato, a estas horas onde elle pôde ser encontrado?

— Com certeza na rua Sete de Setembro na loja de uma hungara, estabelecida com... com... com... estabelecida.

— Ouviste, muxingueiro?

— Sim, senhor.

— Vai; não te demores.

— Desaforo. Queria poupal-o ás penas do porão, mas elle não quer.

— Este tenente Keller, capitão, é cousa muito ruim; nelle se encontra o cynismo personificado:

— E é uma auctoridade de Trampolinopolis!!!...

— E, se não fosse, eu d'elle não me occuparia desde que soube que elle, diz que, quando melhor almocha, é quando os jornaes o descompõem.

— Baixos sentimentos! infeliz policia de Trampolinopolis! A quem estás entregue?

— Como não ser assim. Pegaram em um cambista de porta de theatro e o levaram a alturas que elle nunca pensou.

— Sim, heim? Estou enjoado.

— Bom, capitão, elle não deverá tardar muito, então eu retiro-me para que elle não me fique conhecendo, o que me traria difficuldades futuras no desempenho do meu encargo.

— Até logo.

— Capitão, dá licença?

— Pôde entrar.

— Desculpe, capitão, o incomodar-lhe; como nem sempre o homem pôde ver calado pequenos individuos arvorados em auctoridades tornarem-se mandões, vim procural-o para relatar o que vai pela ilha de S. Jorge.

— Oh! isto é nunca acabar de queixas contra aquella maldita ilha.

Acho-me disposto a armar um navio de pouco calado e mandal-o para alli estacionar, afim de que não só cessem tantas queixas, como haja mais moralidade.

— Isto é uma providencia, capitão.

— A que vem o senhor?

— Venho pedir-lhe providencias contra um canalha arvorado em urbano, por nome Cabogil.

— Já tive queixas contra este tratante. O que faz elle?

— Tropelias de toda a sorte. Os sevandijas, gente da grei, nada soffrem; as demais pessoas, porém, estão sujeitas a toda a casta de tropelias do tal velhaco.

— A pretexto de ir conversar com o sentinella que guarda a casa do thesoureiro de Trampolinopolis, elle, ainda na quinta-feira ultima, desamparou, por quatro vezes, seu posto á rua de Lampadosa, para ir dar ordens na ilha.

— Por que o senhor não vai

queixar-se á auct-ridade competente?

— Porque infelizmente sou morador da ilha e temo-lhe a colera.

— Isto é ciancice.

— Não, capitão, o homem quando se enfurece é temível. Um dia destes elle estava fabricando «azeite» e o «azeite», entornando-se, queimou-o.

Foi quanto bastou. O homem largou-se para a ilha e toca a prender quem d'ali sabia.

— Está bem; vou mandar buscar-o, não para fazel-o assignar termo, mas para mettê-lo em ferros no porão.

— Muxingueiro.

— Prompto, capitão.

— Acompanhe este senhor, que ha de te mostrar o Cabogil; traga-o á minha presença.

— Sim, senhor, não ha duvida.

Elle é valente, capitão?

— Pelo que diz aqui o senhor, é.

— Melhor; vou de calabrote.

— Chegaram! chegaram! chegaram!

— O que? o que? o que?

— Os castens! os castens! os castens.

O conductor da companhia de S. Christovão, linha do Sacco, chapa 93, na quinta-feira ultima, na viagem das 2 horas da tarde, não quiz que uma senhora embarcasse no bond pelo facto de trazer consigo duas crianças.

Tendo um passageiro censurado esse procedimento, elle respondeu que não queria encher o carro de crianças!

Será isso algum novo regulamento da directoria?

Se é, julgamos conveniente a sua publicação, afim de que as pessoas que tiveram de tomar bond dessa companhia não tragam consigo crianças.

Á RÉ

TYPOGRAPHIA NACIONAL

II

São tantos e tão variados os pontos que tenho para discorrer sobre o assumpto que prende a minha attenção, sendo aliás alguns delles

tão graves que chegam a affectar os interesses do Estado, como demonstrarei, que aventuro a dizer sem que o meu espirito oscille por um momento que o Sr. Galvão, a semelhança do ferro encandescente sahido da forja, ha de passar pelas provas do martello e da bigorna.

Espero e desejo que S. S. destrua a não deixar duvida tudo que tenho de levar ao conhecimento de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, o qual tem restricto dever, na qualidade de provecto administrador, de interessar-se pela verdade.

Alguns dos actos administrativos de S.S. são tão disparatados, que deixam por algum tempo na aquilatação delles suspenso e absorto em trevas o cerebro mais bem organizado que seja.

Deixo, porém, de lado, á espera de oportunidade, esses mesmos actos, para tratar de interesses immediatos da classe e de meus companheiros, que afinal de contas são os meus interesses tambem.

Releve S. S. que eu, no exercicio de um direito incontestavel e até sagrado, tenha alguma vez de fazer uso de uma linguagem enérgica, rustica mesmo, adaptada á minha condição de operario obscuro.

Em meu primeiro artigo disse que causava pasmo ver como era —tratado o typographo do «Diario Official» e como elle se sujeitava a tão penoso trabalho.—Vou dizer por que.

O motivo desse phenomeno, pois outra consa não é senão um phenomeno, está no insignificante pessoal destinado á confecção do trabalho, o que faz com que quasi sempre ou sempre se delongue termo médio até 2 horas da madrugada e maximo ás 4 e 5!!

S. Ex. o Sr. presidente do conselho e-ministro da fazenda sabe que o administrador da typographia nacional além do fabuloso ordenado, tem palacio architectonico para morar, criado para o servir, etc., e percebe ainda 13% dos lucros ou «economias» que realiza!

Dahi o mal que se observa, cujo resultado é extenuar o misero artista, alquebral-o pela fadiga, matal-o aos poucos, se elle pelas obrigações que tem não pôde descan-

sar um só dia, visto que nada percebe se o fizer.

Sonhando sempre com «economias», o Sr. administrador descuida-se de seus deveres e é surpreendido como o sentinella que dorme.

Foi assim que S. S., julgando um dia não ter havido sessão, ordenou á paginação (composta de dous beocios) que não occupasse os typographos supplentes, limitando-se a 15 ou 20 effectivos.

A paginação sem maior exame, como era de sua obrigação, cumpriu cõgamente a ordem; ás 6 ou 7 horas da noite, porém, chega grande quantidade de trabalho, porquanto ambas as camaras nesse dia tinham funcionado!

Manda o Sr. Galvão emissarios por toda a parte recrutar compositores, conseguindo com grande difficuldade reunir um insignificante numero dos que tinham sido considerados inuteis.

Salvou-o esse expediente ridiculo, attenuando de alguma forma para encobrir a sua inepecia perante o governo, perante os representantes da nação, perante o juizo publico.

Em uma bella noite (já 1 hora da madrugada havia soado) a corporação fraca e abatida, deparando com um nunea acabar de originaes sobre a mesa, cruzara os braes; avisado o Sr. Galvão, supplica á mesma resignação, e, como que, para acoroçoal-a, apresenta o livro do ponto, mandando assignar um capucho, meio dia (23500).

Quer o Sr. presidente do conselho de ministros saber a que horas acabou o trabalho? Ás 5 da manhã! Pergunto agora: pagou o sacrificio dos pobres typographos, o capucho apontado? Não: nem 20% pagaria!

Se as demais folhas diarias, eu-jos artistas, o mais tardar, concluem o trabalho ás 11 1/2 horas e meia noite, percebem 57000, em regra de proporção, quanto devem perceber os do «Diario Official?»

Basta por hoje, Sr. ministro da fazenda. Os typographos do «Diario Official» confiam em V. Ex.

Cumpra, porém, que V. Ex. não tome providencia alguma sem que eu dê por finda minha missão. Levará isso algum tempo, não só porque muito tenho ainda que di-

zer, como tambem o limitado espaço de que disponho no CORSARIO não me permite ser prolixo.

RODOPIANO RAYMUNDO.

MOFINA

Quanto gastará, desta vez, em papel e envelopes, para a sua secretaria, o gato-marisco?

« O cara d'anta. »

NO TOMBADILHO

PARTICULARIDADES PHYSICAS DE ALGUNS HOMENS CELEBRES

Scarron deixou-nos o seguinte retrato de si proprio:

« Leitor, que não me vistes nunca, e que talvez nem penses nisso, em razão de não-haver muito a ganhar em ver-se uma pessoa como eu, sabe que tambem a mim não se me daria que se não soubesse que alguns espiritos facetos divertem-se á custa do infeliz e pintam-me de maneira diversa do que sou.

Dizem uns que sou aleijado das pernas, outros que não tenho coixas e me collocam na bocota sobre a mesa, aonde fallo com um tagarella; outros que meu chapéo tem um cordel, que passa em uma roldana, e que é assim que eu o levanto ou inclino para saúdar áquelles que visitam-me. Penso que, em consciencia, tenho obrigação de impedir que se vulgarise a mentira por mais tempo, e é por isso que mandei fazer a estampa que vereis no principio de meu livro. Murmurás sem duvida (porque todo leitor murmura, e eu murmuro como os mais quando sou leitor), murmurarás, digo-te eu, e has de reparar em que eu me mostre apenas pelas costas. Acredita, porém, que não é por falta de attenção ao publico, porém unicamente porque o convexo de meu dorso é mais proprio para receber uma inscripção do que o concavo do meu estomago, que tenho todo enoberto pela inclinação da cabeça, e tambem porque por este lado, como pelo lado opposto, pôde-se ver a inclinação ou antes o plano irregular de minha pessoa.

(Continúa.)